

# Osesp volta ao país e brilha com o repertório de música sacra contemporânea em SP

## MÚSICA ERUDITA

Osesp - Stravinsky,  
Haydn e Martin

★★★★★

Regentes: Thierry Fischer e William Coelho. Com: orquestra e coro da Osesp. Sala São Paulo - pça. Júlio Prestes, 16, São Paulo. Livre. Sáb. (19), 20h30. R\$ 2 a R\$ 230

### Sidney Molina

Brilho artesanal e contemplação. Após a bem-sucedida turnê pelos Estados Unidos, onde predominou a energia vibrante do repertório brasileiro, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a Osesp, retornou à sua temporada regular na Sala São Paulo nesta quinta-feira, na capital paulista, com um programa dedicado a Igor Stravinsky, Frank Martin e Joseph Haydn.

Com dificuldades de locomoção devido a uma entorse no tornozelo, Thierry Fischer, o regente titular, só assumiu o programa na segunda parte. A programação teve direção de William Coelho na longa seção inicial com a participação do Coro da Osesp.

Não deveria ser necessário ter de retornar à metafísica da música do século 19 para justificar a independência da música instrumental perante teatro, vídeo e literatura. Mas, em tempos em que a manifestação sonora rapidamente é espremida como mera “trilha”, e relegada como secundária no mundo da cultura, nunca é demais ressaltar o papel autônomo da pura linguagem dos sons como condutora de ideias e afetos.

E, se as nossas temporadas de ópera ainda oscilam em quantidade e qualidade, os concertos sinfônicos têm protagonizado, ao longo dos anos, algumas das mais memoráveis experiências sonoras aqui em São Paulo.

A “Sinfonia em Três Movi-

mentos”, de Stravinsky, que fechou o programa, retoma em grande estilo — e com extraordinário apuro de escrita — o jogo brutal de acentuações não regulares sobre figuras pulsantes de sua “Sagração da Primavera”, de 1913. Na sinfonia, piano e harpa se revezam na amarração de blocos sonoros justapostos.

Com o humor fino e o jogo incessante de surpresas que caracterizam a sua personalidade artística, Haydn evoca, em sua “Sinfonia nº 22”, um diálogo improvável entre corne inglês, instrumento de madeira com palheta dupla, e trompa, do naipe dos metais, que travam um debate sem falsas acusações, em que perguntas são sempre respondidas.

O ponto alto do concerto foi a primeira parte, em que cada seção da “Missa para Dois Coros”, do suíço Martin, foi alternada com as respectivas partes da “Missa para Coro e Duplo Quinteto de Sopros”, também de Stravinsky.

Martin faz uma música que descende verticalmente, ou mesmo sai de dentro para fora de nós; Stravinsky, por seu turno, parte da terra e tenta se elevar, sem medo de fracassar no intento, extraindo do texto uma beleza estranha.

O Coro da Osesp, que também participou da turnê americana, encheu a Sala São Paulo de beleza, com variações muito sutis de timbre e intensidade, até o derradeiro “dai-nos a paz” do “Agnus Dei” final.

Ao longo dos últimos 13 anos, o público da Osesp se habituou à presença do diretor artístico Arthur Nestrovski nos concertos. Nesta mesma quinta-feira foi anunciado — de forma honrosa, porém súbita e inesperada — que ele deixou o cargo, em mudança de governança que causa apreensão. Sua ausência fez parte do concerto.